"ALEXANDRE FERREIRA, SONHADOR DE BELEZAS, DISTRIBUIDOR DE BONDADE"

CONFERÊNCIA PROFERIDA, A CONVITE DA COMISSÃO EXECUTIVA DO MONUMENTO A **ALEXANDRE FERREIRA,** PELO PROF. DR. CAETANO BEIRÃO DA VEIGA, NO SALÃO DA ASSOCIAÇÃO DE SOCORROS MÚTUOS DOS EMPREGADOS NO COMÉRCIO E INDÚSTRIA, NA NOITE DE 15 DE JUNHO DE 1950

EDIÇÃO DA
COMISSÃO EXECUTIVA

LISBOA — 1950

"ALEXANDRE FERREIRA, SONHADOR DE BELEZAS, DISTRIBUIDOR DE BONDADE"

CONFERÊNCIA PROFERIDA, A CONVITE DA COMISSÃO EXECUTIVA DO MONUMENTO A **ALEXANDRE FERREIRA**, PELO PROF. DR. CAETANO BEIRÃO DA VEIGA, NO SALÃO DA ASSOCIAÇÃO DE SOCORROS MÚTUOS DOS EMPREGADOS NO COMÉRCIO E INDÚSTRIA, NA NOITE DE 15 DE JUNHO DE 1950

EDIÇÃO DA
COMISSÃO EXECUTIVA

LISBOA — 1950

Prof. Dr. Caetano Beirão da Veiga

Foi nosso intuito, ao iniciar trabalhos, que, em acto público e por individualidade de justo relevo, se pronunciasse o escorço biográfico de ALEXANDRE FERREIRA.

Feito convite ao Exmo Sr. Prof. Dr. Caetano Beirão da Veiga, ilustre membro da Comissão de Honra, distinguiu-nos com o seu assentimento, produzindo a brilhante oração que a Imprensa diária relatou desenvolvidamente.

Mister se tornava, porém, em nosso modo de ver, que um trabalho de tal quilate intelectual, onde se rodeia da auréola merecida a figura moral de ALEXANDRE FERREIRA, desse Homem generoso, são de espírito e possuidor de uma alma de ouro, há pouco extinto, tivesse a projecção que a publicidade lhe assegura, até para elucidação dos vindouros.

Eis porque esta edição se fez.

Agosto de 1950

A Comissão Executiva,

Afonso de Lima Vilarinho
António Casanova
José Domingos dos Santos
José Manuel Dias
Manuel Alves Frazão

Em 1452 nascia, em Florença, Leonardo da Vinci. Sobre-humano, divino, o consideravam os coevos. E, a posteridade, como tal o tem visto.

Foi sábio, inventor, engenheiro, construtor e, por cima de tudo, um dos maiores artistas da soberba Renascença. Vinci criou mundos novos ao pensamento. Em todos os ramos do saber e da arte que o seu maravilhoso engenho abordou, surgiram aspectos deslumbrantes, inéditos e inopinados. A Mãe Natura, sempre avara de seus segredos, desvendou-lhe ocultos tesouros, para que o génio, feito homem, os admirasse, decifrasse e louvasse.

Leonardo da Vinci, o mago da Beleza

As Musas foram-lhe companheiras de infância. Com elas brincou toda a vida. As Belas Artes — escultura, desenho, pintura — nas suas mãos, fadadas para a gestação do belo, excederam as maravilhas da época.

Especialmente à pintura, quebrando-lhe os contornos fortes e rijos, inflexíveis e contundentes, preconizados, ao tempo, pela velha escola, revolucionou-a, enriquecendo-a com esbatidos suaves e realçando-a com contrastes harmoniosos. Os claros saltaram do seu pincel maravilhoso, reais, a par dos cambiantes escuros, e os escuros tornaram-se menos profundos e agressivos, iluminados pelos claros ténues. Sobre contrastes, equilibrados e suaves, ergeu da Vinci, a alturas imensas, incríveis, a arte concebida pelo seu génio, criador de nova escola pictórica.

Mas, com certeza, interrogar-se-ão, agora, aqueles que benevolamente me escutam: a que propósito e porque virá aqui o imortal Leonardo da Vinci?

Apressar-me-ei, desde já, a esclarecer-vos a justificada curiosidade.

Lendo o rol de nomes insignes que ilustram as comissões constituidas afim de erigir-se um monumento a Alexandre Ferreira, puz-me a cogitar porque, em tal cenáculo, onde se topam poetas, escritores, oradores e artistas, cujas obras são fanais de orgulho nacional, me coubera a mim, tão pobre de palavra, tão apagado de virtudes e talentos, a honra imarcessível de subir a esta tribuna, para reanimar, numa rápida síntese, a vida de trabalho probo, pertinaz, dignificante, de acção criadora, de bondade generosa e elevado idealismo, de Alexandre Ferreira, cujo exemplo deverá apontar-se às gerações vindouras como linha de rumo no transcurso da existência terrena.

Uma acção criadora, de bondade generosa e elevado idealismo

Magiquei, magiquei, horas e horas, e não alcancei, durante dias e dias, explicação plausível para tão estranho facto. Mas, alfim, e ao cabo de muito repensar, eis que se ergue, perante mim, inesperadamente, o vulto de Leonardo da Vinci. De súbito, revi a sua obra, e, então, ocorreu-me ao espirito a escola pictórica de sua congeminação, cujo encantamento provém de deslumbrantes conjugações de contrastes.

O ansiado valor da incógnita esquiva estava, pois, encontrado. O Destino, recorrendo aos misteriosos processos do seu agir, apontara aos organizadores desta homenagem, a forma mais adequada de realçar a impoluta figura moral de Alexandre Ferreira: a par da luz pôr a treva, ao sol opôr a sombra. E, assim, o bom senso, esquadrinhando no elenco das comissões, topou com o mais obscuro dos seus componentes e foi confiar-lhe o grato encargo de focar a figura luminosa, aureolada de bondade e idealismo, daquele denodado lutador.

Estes foram, sem dúvida, os motivos que, para aqui, me projectaram. Dir-vos-ei, porém, agora, as razões que aqui me trouxeram.

Admirador de Alexande Ferreira, alvoraçou-me a ideia de ser-me possível prestar à memória de tão generoso português, a pública homenagem de saudade, de estima e de respeito, que esta solene sessão traduz. Embora convicto que a tibiez das minhas forças não corresponde à magestade do vulto, forte imperativo moral me impeliu para o desempenho deste grato e cordial dever; e vim.

Julgai-me, pois, vós que sois as vítimas da minha temerária aquiescência.

Não espereis, nem na forma, nem no fundo, um quadro expressivo ou completo da vida, toda virtude, trabalho e altruismo, de Alexandre Ferreira. Pintarei, com mal disfarçada incipiência, as austeras qualidades que o ornaram. Fá-lo-ei, com sinceridade, e, portanto, convenço-me que, vossos corações, dilacerados por pungente amargura, vibrarão sincronizados com o meu, enlutados pela mesma mágoa amara.

Alexandre Ferreira, cidadão portuense, mas enamorado de Lisboa

*

* *

Alexandre Ferreira era nortenho. Nascera no Porto, freguesia de Miragaia, em 4 de Novembro de 1877 e viera a finar-se em Lisboa em 15 de Março de 1950. Cometa que atravessou o espaço, deixando atrás de si um rasto cintilante de cristalina bondade. Três meses de luto decorreram já sobre esse dia fatal do mês de Março. Se bem que Alexandre Ferreira não haja morrido moço, também não afirmarei que tenha sido derrubado pelo peso incomportável de muitos lustros. Não erraremos, porém, conjecturando que se finou esgotado por dezenas de anos de pertinaz esforço benemerente, de honrado

trabalho criador e também torturado por desilusões dolorosas e amargas incompreensões.

No entanto, ao abalar da vida terrena, onde o vento da insania sopra tão rijo, e o feroz egoismo tantas vezes impera, aniquilando esforços nobilitantes de almas grandes, levou para a outra vida — aquela que é eterna, serena, justa e calma — a suprema consolação de haver construido neste mundo, onde tudo é tão frágil, obra perene de egrégio mérito. As sementes caidas do seu idealismo, e os pomos primorosos gerados pelo permanente afã de congeminações altruistas, inspiradas no convencimento da perfectibilidade humana, hão-de perdurar, de geração em geração, porque as ergueu e protege o espírito universal e eterno do bem, que é vivaz nos íntimos recessos das almas cristãs.

O IV Centenário Camoniano

Alexandre Ferreira, sincero camonianista, como todo o português de pura raça, foi o animador activo do 4.º centenário natalício do inexcedível épico. Agora, esta circunstância evoca no meu espírito a lembrança — do Soneto — onde Camões, em harmonias divinas, nos fala de amor, desse sublime sentimento, votado por Alexandre Ferreira à humanidade sofredora.

Diz o Poeta, amor:

É um não querer mais que bem querer;
É solitário andar por entre a gente;
É um não contentar-se de contente;
É cuidar que se ganha em se perder;

E aí estão florindo já, em muitos recantos do nosso pátrio lar, doces carinhos e maternais desvelos, frutos desse sentimento de "Um não querer mais que bem querer", que clarificou toda a vida espiritual do nosso homenageado e são bálsamo celeste para tantos padecentes de dores, de pobreza, de desconforto, de isolamento, de ingratidão.

São raríssimos os Alexandres Ferreiras que deambulam pelos caminhos da existência. Vir de berço humilde, nascer em casal pobre, crescer em mocidade desamparada, não usar nome sonoro de família e atingir os fastígios da mais sincera e carinhosa consideração pública, só o conseguem os hércules morais que pairam muito acima das vis paixões interesseiras.

Alexandre Ferreira lutou, lutou sempre, lutou toda a vida. A poderosa acha de armas, com que o nosso venerando amigo pelejou, para abrir passagem através das tortuosas invejas que eriçam as sendas do prestígio, foi o trabalho probo. E a fôrça que impeliu o seu braço, na batalha feracíssima que travou com a sociedade indiferente à dor alheia, veio-lhe de um voluntarioso idealismo, engrinaldado pelas aspirações supremas de "um não querer mais que bem querer".

Autodidacta, na mais larga acepção da palavra, foi alguém que se fez, moral e intelectualmente, a si mesmo. Sózinho na vida, apaixonado por tudo que fôsse belo, elevou-se, pelo estudo meditado em recolhimento espiritual, acima, muito acima, dos seus modestos pares. As necessidades imperiosas do materialismo económico, que tantas vezes esmagam os nobres anelos de cultura, o cansaço esgotante do esforço quotidiano para auferir uma existência decente, que frequentemente entrava e destrói a consecução de ideais elevados no âmbito espiritual, jamais abateram a férrea vontade de sua alma de élite.

Autodidacta e infatigável estudioso

Se é sempre nobre a virtude do estudioso, mais nobre ela se torna quando não seja objectivo de lucrativos intentos.

Alexandre Ferreira não estudou para ser importante, não trabalhou para ser rico, não se educou por ser ambicioso de poderio. As riquezas nunca o cegaram, a vaidade do conforto material não a conhecia, e as ambições pessoais gananciosas não lhe sorriam. Aprendeu e quiz saber para encontrar os meios mais eficientes de sarar as chagas sociais.

O meu velho condiscípulo e querido amigo António Maria Pires, nada dado a louvaminhas ou contumélias elogiosas, escreveu de Alexandre Ferreira: "como Palissy ou Benvenuto Cellini, ele queimara todo o seu mobiliário ou derretera todo o seu património para fundir a sua obra; e como tal fosse quase inteiramente preciso, isso quase completamente se consumou, tendo sido necessário que alguém despertasse em Alexandre Ferreira o homem de coração diamantino, para que ele, em sombrios dias, olhasse para a sua querida família e logo a seguir lhe estendesse apressuradamente a protecção da sua robusta inteligência, visto que perigosas soluções de continuidade lhe advinham da sua intensa vida associativa".

Batalhou e batalhou vigorosamente, não para deleitar-se em ostentoso fausto, pois sempre se remeteu à mais singela modéstia. O seu vibrante dinamismo, o seu perseverante esforço, a sua vigilante actividade, dirigiram-se sempre, ou, para proteger os fracos — crianças, velhos, pobres, inválidos, desprotegidos e inferiorizados por maléficos infortúnios — ou, para soerguer o espírito patriótico, ao tempo abatido, em vasta zona da grei lusitana.

O culto da Pátria

O patriotismo para Alexandre Ferreira não era sentimento tacanho de estulta vaidade. Residia no conhecimento verídico do gigantesco esforço dos nossos maiores, que se perpetúa através dos séculos, consubstanciado na vontade indomável de usufruir uma soberania nacional, independente e insofrida, de coacções estrangeiras. O patriotismo para Alexandre Ferreira, era aquele amor de sublime pureza, que o português deve à sua pátria, quando conheça as virtudes e os defeitos da grei e haja respirado nas obras monumentais da nossa terra a glória eterna do quanto a epopeia lusitana deu de grandioso à Humanidade. Esse patriotismo impõe consciências esclarecidas pelas virtudes incontestadas da nossa

gente, mas exige, também, que os espiritos estejam, simultaneamente, penetrados, em profundidade, pelos ditames de austera educação cívica.

E, para tanto, que fez Alexandre Ferreira? Procurou pôr o cidadão educando em face da realidade histórica, descrevendo-lhe e mostrando-lhe os padrões tradicionais, dando-lhe, *in loco*, sintético contacto com os textos descritivos, em que os eruditos exaltam, sem exageros deturpadores, o valor das gerações sucessivas. Assim, organizou várias visitas culturais aos lugares mais celebrados de Lisboa, Alcobaça, Tomar, Évora, Batalha, para que os seus educandos aprendessem a ser portugueses, vendo, ouvindo e sentindo a continuidade secular da alma lusitana.

Serviu a Nação e serviu-a com devotado entusiasmo e desinteresse. Nobilitou-a tanto quanto coube nas suas qualidades de lídimo cidadão, de patriota austero, de homem livre respeitador da livre vontade dos outros homens.

A dignificação do homem: problema absorvente do seu pensamento

Alexandre Ferreira, se amou e sonhou um Portugal grande, se lhe deu a vibrante paixão da alma lusíada, acima de tudo devotou-se à dignificação do homem e à ascenção moral da humanidade.

INVÁLIDOS DO COMÉRCIO

Com esta centelha de luminoso idealismo a brilhar-lhe sempre viva na alma, alma onde, portanto, os recantos obscuros não se anichavam, deambulou, em várias ocasiões, pelo nosso país além, catequizando prosélitos para a sua obra de bem-fazer. A palavra era-lhe fácil, convincente, simples, clara. Ouviu-a Portugal ecoar de cidade em cidade, de aldeia em aldeia, pregando cruzadas de benemerência e de educação. *Inválidos do Comércio,* instituição altruista que se levanta como expressivo símbolo do seu supremo amor pela humanidade sofredora, é um exemplo a citar como resultado de uma dessas muitas cruzadas.

A realização *Inválidos do Comércio* tenho-a como a

cúpula terminal da sua acção bem-fazeja e, digo cúpula porque a sua obra social atinge proporções de monumento vasto de múltiplos aspectos benemerentes.

Com palavra fluente e elegante, Alexandre Ferreira, em campanhas contínuas, chamou os homens ao trabalho honesto, despertou em muitos proletários operosos a consciência sã dos deveres gregários, que trazem à existência colectiva amenidade e doçura e à comunidade tranquilo progresso.

Labutou para arrancar da alma inculta da gente ignara os germens virulentos que arrastam os fracos para o âmbito degradante da viciosa ociosidade e exaltou o valor das benesses que brotam de qualquer esforço honrado, construtivo e eficiente. Desta imperiosa tendência espiritual congénita resultou empenhar-se, a fundo, em ferverosas prédicas em prol da educação técnica, da cultura geral, do civismo, e da extinção do analfabetismo.

O orador

Ora, Alexandre Ferreira possuia, nas ocasiões difíceis, naqueles momentos em que contrariedades rijas se opunham ao seu idealismo, à sua dinâmica acção, à sua vontade sólida de "não querer mais do que bem-fazer" rasgos arrebatadores de fluência oratória.

Oiçamos, agora, novamente, António Maria Pires, que, em poucas frases cristalinas, nos mostra a plenitude das raras qualidades volitivas e verbais do nosso homenageado: "na vida associativa tem Alexandre Ferreira ocupado outros lugares da mesma responsabilidade que o de Presidente da Universidade Livre e em todos tem mantido a honrosa intransigência do roble que temerariamente encara a tempestade; foi nestas situações que se lhe conheceu mais uma das suas prodigiosas aptidões, que nos ânimos ponderados pouco colhendo, no entretanto chocam extremamente em Alexandre Ferreira: — a sua eloquência".

Alexandre Ferreira

*

* *

A República, onde Alexandre Ferreira julgou, sinceramente, poder encontrar-se a expressão política da felicidade nacional, derrubada a Monarquia secular em 1910, surgiu no seu espírito qual advento de era nova, pletórica de risonhas promessas e enganadoras miragens. Caboqueiro de princípios morais, ei-lo, agora, desinteressado, apaixonado e iluminado por uma luz intensa de esperança, desenvolvendo energias titânicas, para desbravar as inteligências ansiosas, mas incultas, da juventude portuguesa menos risonha e mais torturada.

A Universidade Livre, que marcou uma fáse pedagógica no ritmo evolutivo da cultura popular, por onde passaram, preleccionando, nomes prestigiosos do escol intelectual contemporâneo, recebeu a sua gestação na alma de Alexandre Ferreira, aberta a todos os ideais superiores educativos.

O culto dos seus ideais politicos

Por entre dificuldades morais, financeiras, sociais, que pouquíssimos ousariam enfrentar, e raros dominar, a ideia educativa corporizou-se e o verbo fez-se obra pedagógica com a fundação da Universidade Livre em 1911.

A República

O pessimismo derrotista descreu, mas o optimismo venceu.

A luta entre a fé e a descrença, a acção e a inércia, a rotina e progresso, atingiu proporções inesperadas.

Oiçamos, a propósito, Alexandre Ferreira: "os pessimistas que são, em regra maus, como disse Zola, agouravam pouca vida à instituição nascente, olhavam os iniciadores como criaturas que desejassem criar uma auríola refulgente de notoriedade, que lhes servisse para fins inconfessáveis; julgam-nos caracteres amoldáveis ao seu crasso indiferentismo, e por essas razões diziam todos enfatuados, com frases empoladas de clarividentes irrefutáveis: — a obra é grande de mais para

tais pigmeus! Em Portugal já várias tentativas se fizeram para a fundação de instituições desta natureza...!" E mais adiante, continua Alexandre Ferreira: "eram estas, mais ou menos, as asserções que eu ouvi, em 1912, depois da memorável sessão inaugural da Universidade Livre. Felizmente não exerceram no espírito dos iniciadores qualquer influência desanimadora, essas palavras pronunciadas pela *jeunesse doré*, que se embrutece imbecilmente às portas dos cafés. A avalanche dos céptico os era, então, enorme e eu considerava mister, para contrabalançar esse espírito dissolvente do cepticismo, opor-lhe uma barreira de optimismo capaz de nos permitir vencer. Havemos de triunfar, dizia eu aos meus nunca esquecidos colaboradores, a atmosfera agora é bem outra, as revoluções exerceram sempre uma grande função histórico-social no destino dos povos facilitando qualquer empreendimento útil à colectividade. O povo que parece acordar dessa atonia cruel que é a morte das nacionalidades, seguirá decerto os propagandistas da educação que tendo feito já muito entre nós, muito mais terão ainda a fazer...!"

A Universidade Livre e os seus benefícios espirituais para o povo

E, por fim, num convicto arranco de fé, acrescenta: "deitemos, pois, mãos à obra. E assim foi; já lá vão 4 anos e milhares de pessoas têm já recebido o grande benefício espiritual espalhado pela Universidade Livre".

Nesta transcrição de prosa forte, firme, esperançosa, irónica e tenaz, revela-se bem nítido o espírito de Alexandre Ferreira.

Aqueles que desconhecem o que foi essa instituição cultural e o que representou como elemento educativo para as modestas massas populacionais de Lisboa e do país, que na época, em grande parte, eram devotadas à democracia, e que ignoravam, no entanto, a essência espiritual dos seus princípios cívicos, poderão avaliar da influência alcançada, relembrando alguns dos homens que a abrilhantaram com a luz penetrante

dos seus ensinamentos Ao acaso ocorrem-me: Ricardo Jorge, Charles Lepiérre, Almeida Lima, Teles Palhinha, Pedro José da Cunha, Soares Andrea, Tomás da Fonseca, Carneiro de Moura, Alfredo Apell, Oliveira Ramos, Carlos de Melo. E quantos outros poderia citar ainda, se houvesse a intenção de enumerar todos os espíritos cintilantes que compuzeram esta constelação de sapientes mestres.

Na Universidade Livre, instituto tão activo de cultura popular, onde se combateu para dar à gente portuguesa consciência exacta do valor da nacionalidade, foi o espirito inquieto de Alexandre Ferreira o núcleo aglutinador de energias, a força vivificadora expansiva.

Em 1925, Alexandre Ferreira, sempre apegado à mesma fé, envereda por novos rumos e toma por outros desvios espirituais que, alfim, vão conduzir ao mesmo objectivo. A sua sensibilidade delicada, leva-o a abraçar-se à criança portuguesa desprotegida, anemisada e famélica, fácil presa de mil males e de todas as misérias. Como missionário de bom civismo, prega aos governantes, aos ricos, aos pobres, aos pais, o sagrado dever de cuidar-lhe, com desvelo, do corpo e do espírito, se não por simples impulso de ternura, ao menos por mera devoção à raça, de que ela é a projecção tangível, mais frágil e mais esperançosa. O culto da infância tornou-se-lhe religião.

A causa da criança

Decorrido um ano, encontramo-lo preocupado com o complexo problema do "Rejuvenescimento da gente portuguesa", de longínquos reflexos sociais. Este problema, é um corolário lógico dos teoremas por ele postos pró-infância, problema absorvente de que jamais se desligará a sua mente em ebulição.

De novo o conferencista fulgura na tribuna da bondade. Os temas graves animam-se e aligeiram-se nos cambiantes graduados da sua voz de idealista, sucedendo-se orientados para

uma finalidade generosa e superior. Citarei algumas teses de suas palestras: "A maternidade" "O direito da criança à protecção social e médica" — "Assistência à primeira infância"— "Como os povos fortes preparam as crianças"—"O ensino popular nos países escandinavos"—"O ensino profissional da mulher".

Que magnífico odor se evola deste matizado roseiral de singelos e delicados louvores com que se incensa a criança, a mulher e a raça!.

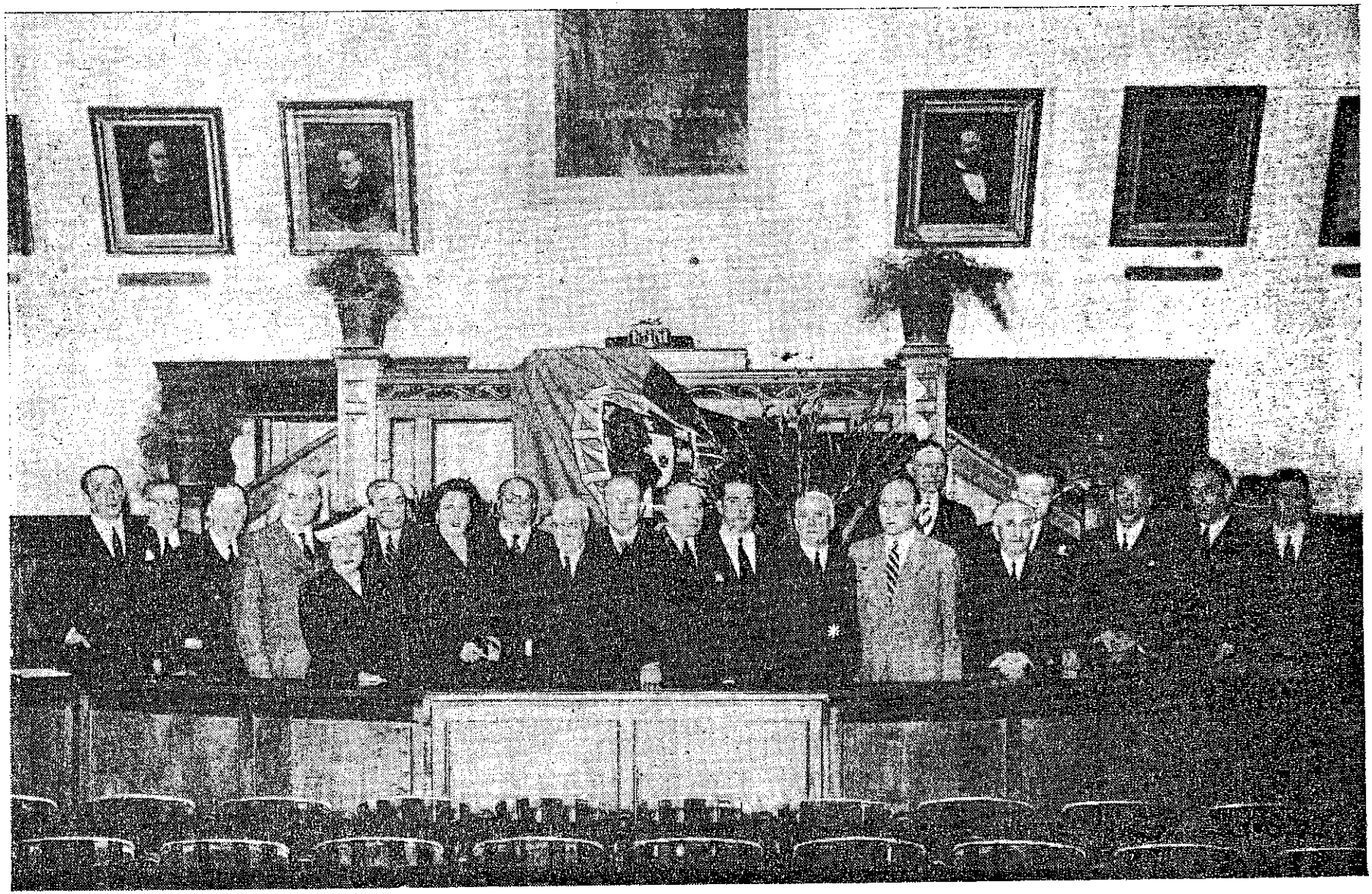
Mas vem o ano de 1930 e, a outra criança, se abraça o seu espírito: à criança velha. A infância fora, até então, a obsessão dos seus sonhos, mas, agora, outra psicose se gera, de requintada sensibilidade. O velho, o inválido, o trabalhador inábil, crescem a figuras primárias nesta nova cruzada. E o conferencista disserta sôbre "Problemas da inabilidade" — "A invalidez no comércio e as suas relações com o mutualismo e seguros sociais" — "Necessidade de orientar em moldes novos a causa da educação física".

Alexandre Ferreira vai já na volta das cinco e meia décadas de idade. As obrigações voluntárias criadas pelo seu altruismo pesam-lhe diáriamente sobre os ombros. Porém, a sua cruzada não pára, embora se revista de facetas diferentes. As horas menos ocupadas preenche-as, com sacrifício até do repouso físico indispensável à saúde, palestrando e dissertando sobre temas absorventes de orgânica social; tais como: "Vantagens sociais do mutualismo" — "A cultura popular e os desportos" — "Necessidade de ministrar educação física às crianças" — "A ginástica e o estado social do indivíduo".

*

* *

O nosso homenageado não podia deixar de ser um artista nato. Tanta sensibilidade e tão profunda vibração espiritual,



O Prof. Dr. Caetano Beirão da Veiga (*), a família de Alexandre Ferreira
e alguns dos assistentes à conferência

temperam-no para se apaixonar pelas Musas. Com efeito, lá o vimos presidindo à Academia de Amadores de Música, grémio artístico da nossa Lisboa, que concorreu para o desenvolvimento do gosto pela harmoniosa arte de Euterpe.

Bem se ajusta a Alexandre Ferreira a máxima do satírico Juvenal: — *mens sana in corpore sano* – dádiva suprema com que a divindade pode presentear o homem. Espírito são em corpo sadio, é a causa porque ele sempre se bateu. Por isso, ora o encontramos a fomentar a educação do espírito, ora o topamos a encorajar o aperfeiçoamento do corpo. Assim, Lisboa Ginásio Clube honra-se nos seus anais com a presidência de Alexandre Ferreira.

E esta Associação, tão prestimosa e tão benemérita, onde hoje evocamos a figura grande de Alexandre Ferreira, inscreve, com orgulho e inorredouro reconhecimento, o seu nome no quadro de honra dos prestigiosos directores.

A música

Onde quer que germinasse um anseio de cultura, uma aspiração de elevação moral, um sentimento colectivo de solidariedade, um anelo de bem-fazer, logo lá estava Alexandre Ferreira a dispensar o amparo carecido, o auxílio animador, o conselho desinteressado e o dinamismo propulsor. Portanto, será impossível, no fugaz espaço de uma palestra mal forjada, narrar a vida multiforme e bem-fazeja do nosso portentoso amigo.

A educação física do povo

Os desportos

Relembrarei, porém, em corrida apressada, que as Bibliotecas Populares dos Jardins Públicos, as Bibliotecas Móveis Infantis para as Escolas Primárias, são obra sua. O Congresso Nacional de Educação Popular ele organizou-o em 1922, o qual se celebrou na Câmara Municipal de Lisboa, tomando parte nos debates as figuras mais destacantes da Pedagogia e do Professorado.

Alexandre Ferreira também foi plumitivo, e deu a fluência da sua prosa a muitos Jornais e Revistas do País. Colabo-

rou, com fervor, na grande campanha aberta pelo *Diário de Notícias,* em 1931, contra o analfabetismo, da qual resultou intenso movimento nacional de criação de Escolas Primárias, a que o Govêrno tão devotadamente se tem abalançado; dela saíu o fortalecimento da opinião pública que permitiu, e exigiu, decidido esforço pró-instrução primária eficiente, e, para todos, obrigatória.

Criou, quando Vereador da cidade de Lisboa, no sector da assistência infantil, os lactários, as consultas médicas para as Mães e filhos, a distribuição de roupas e calçado às crianças necessitadas e propugnou pela vulgarização de noções basilares e simples de puericultura.

O analfabetismo

Na "Semana do Mutualismo", iniciativa louvável levada a efeito pelo *Século,* Alexandre Ferreira foi activo obreiro, realizando um ciclo de conferências na Capital, Beja, Serpa e Setúbal.

As Colónias Balneares

"A Colónia Balnear da Cruz Quebrada", que tantos louvores recebeu dos Lisboetas, especialmente dos veraneantes da linha do Estoril, pois que diàriamente os olhos destes se alegravam pairando sobre milhares de crianças pobres, vivendo horas felizes de liberdade em pleno ar, é outra obra social de Alexandre Ferreira.

E quantas outras iniciativas beneméritas poderiam citar-se se o tempo fosse de sobra e a vossa paciência não tivesse limites!?.

Uma coisa há, porém, muito maior do que todo o visível, o concreto, que tem aqui sido citado e apontado. Mas, essa tal coisa, não há forma de enumerar, nem de medir e, no entanto, sente-se e pressente-se: — os efeitos, as consequências, os benefícios imediatos ou reflexos de todo esse espargir de bondade que foi a vida de Alexandre Ferreira.

Muita coisa que, após a sua actividade criadora se fez nesta terra portuguesa, e de que tantos outros ora se ufanam,

lá vai buscar o gérmen reprodutivo à sementeira abundantíssima de ideias, iniciativas e princípios que ele, o nosso saudoso Amigo, espalhou às mãos cheias na vasta área da educação e da benemerência.

* * *

Tarde entrei, pessoalmente, em íntimas relações de trabalho com Alexandre Ferreira. E, curiosa circunstância, foram precisamente as divergências de ideologias políticas que nos aproximaram cordialmente.

No ano de 1926 procedeu-se, nesta nobre cidade de Lisboa, a eleições municipais. Apresentaram-se duas listas ao sufrágio. Uma constituida por elementos políticos de filiação democrática, outra apoiada pela corrente monárquica.

Uma vereação homogénea

Alexandre Ferreira, puro democrata dentro do partido democrático, figurava como prestigioso ornamento na lista do seu agregado político. Na outra, a oposicionista, que se intitulava da Cidade, encontrava-se incluido o meu apagado nome.

Por um inexplicável acaso tive a honra de ser eleito Vereador. Entrei, pois, nessa Câmara Municipal de Lisboa, simultaneamente com Alexandre Ferreira, da edilidade da qual ambos eramos componentes. Separavam-nos, porém, pontos de vista políticos diferentes e incompatíveis.

Nesse tempo, entre monárquicos e republicanos, travavam-se violentas disputas, rijas polémicas e frequentes embates em que, por vezes, se praticavam sangrentas e condenáveis violências.

O público, cá fora, previa e com fundamentadas razões, que aquela Câmara se transformaria numa arena de discórdias políticas e de irreconciliáveis opiniões.

Foi, pois, num ambiente malsão que a nova edilidade subiu as escadarias da Câmara Municipal de Lisboa.

Quando ali vi Alexandre Ferreira, com marcado ar de filósofo e sonhador, com tão insinuante expressão de bondade, com os cabelos grisalhos longos e soltos, que lhe imprimiam um atraente aspecto profético, senti crescer no meu peito uma onda de simpatia por aquele nobre perfil que, perante nós, se destacava dentre a maioria da edilidade.

Iniciados os trabalhos, no Senado Municipal, as ideologias políticas antagónicas dos dois grupos, esbateram-se. Alguma coisa se espargiu no ar que poderia servir de mútuo entendimento a um trabalho sadio e eficiente, e que se sobrepôs às previsíveis e mesquinhas rivalidades das facções em presença: — o sincero desejo colectivo de lealmente concorrermos todos para o bem da cidade.

Trabalhando pelo bem comum

Contra a espectativa do público eleitor, nessa Câmara, não se fez política partidária, não se levantaram obstrucionismos por parte da minoria, não se verificaram violências do lado da maioria e todos se esforçaram por colaborar numa obra impessoal de elevado espírito citadino.

Alexandre Ferreira, hábil diplomata, inteligente, concorreu para o estabelecimento da imprevista harmonia. Desde então, tornei-me seu entusiasta admirador e sincero amigo.

Mal pensaria que esta qualidade me daria categoria bastante para, nesta Sessão solene, de saudosa homenagem, a minha voz se fazer ouvir, biografando-o.

Alexandre Ferreira tornou-se, pelo pouco que contei, e pelo muito que omiti, credor do reconhecimento daqueles que vertem lágrimas perante a dor alheia e dos que primam por elevar o homem, dignificando-o pela instrução e nobilitando-o, pelo trabalho.

Portanto, Alexandre Ferreira, bem merece dos que lhe foram, em vida, amigos, admiradores, ou beneficiados — quer

por actos de que colheram os frutos, quer por exemplos de que colheram conceitos, uma expressão visível e duradoura de reconhecimento.

Como os homens vindouros, e até coevos, fácilmente esquecem, com o veloz perpassar dos anos, mesmo aqueles que realizaram obras perduráveis, é sinal de frutuoso carinho prolongar a recordação desses iluminados, ligando-os materialmente aos seus feitos maiores.

Como tornar tangível a vida e a obra de Alexandre Ferreira, evitando que ela caia em sáfaro anonimato? Como demonstrará expressivamente a geração de hoje às gerações de amanhã, o alto conceito, o culto respeitoso, a memória que vota a Alexandre Ferreira? Esculpindo em marmóreo busto aquelas feições nobres e suaves de generosa bondade, aquele seu olhar profundo de idealista realizador, e aquela fisionomia expressiva de profeta inspirado. E, elevando este busto em singelo plinto, alto bastante para, como ele, exceder a craveira média dos homens, em frente da obra grande e última de seu esforço: — *Inválidos do Comércio.*

A consagração póstuma do Homem

No soco desse padrão evotivo poderá, como incitamento ao futuro proceder de outros homens, inscrever-se em letras de ouro: *eis aqui o busto nobre de Alexandre Ferreira que ao bem dos outros devolveu, acrescido, todo o bem que a vida lhe deu.*

"A parábola da viúva"

E, quem, sendo amigo, admirador, beneficiado de Alexandre Ferreira, não quererá concorrer para este pequeno monumento, dando-lhe o auxílio compatível com as próprias possibilidades? O coração dos portugueses é grande e ninguém fugirá a este dever de gratidão. Mas, já agora, antes de terminar, vou recordar-vos primoroso escrito do insigne P.e Manuel Bernardes, *"A parábola da viúva"*, que assim resa:

"Estava um dia o Senhor sentado no Templo, defronte do gazophylaceo, que era uma caixa, onde se lançavam as

esmolas para a fábrica do mesmo templo; vinham muitas pessoas ricas, e botavam quantidades grossas. Veio depois uma pobrezinha viúva, e lançou dois ceitis de cobre. Julgou o Senhor que esta era oportuna ocasião, para dar doutrina a seus discipulos. Convocou-os e lhes disse: — *"de verdade vos afirmo que esta pobre viúva lançou mais que todos os outros"* — Não reparo agora em que o Senhor afirme que mais eram aqueles dois ceitis do que aquel'outras ofertas maiores; porque logo ele mesmo deu razão disso, comparando o que ficava aos ricos, que era muito, com o que ficava àquela pobre, que era nada; e bem disse Santo Ambrósio, que mais valia um dinheiro tirado do pouco, do que um tesouro tirado do máximo; porque se ha-de fazer o cômputo, não pelo o que se dá senão pelo que remanesce".

Terminando

Quando a hora vos for propícia, relembrai a parábola da viúva, que acabais de ouvir contada em frases concisas, pelo sublime P.e Manuel Bernardes e, por agora, comecemos dando, já, á memória de Alexandre Ferreira, meio minuto de silêncio, em profunda concentração espiritual e devotada prece íntima.